SERÁ QUE ESTE MUNDO tem um Deus? Eu não sabia a quem dirigir essas orações, mas esperava que alguém lá fora estivesse ouvindo.

Não assistia ao programa de horóscopos há um tempo e pensei em voltar a assisti-lo, apenas para descobrir que ele tinha saído do ar no final de março. Um sinal a menos para me guiar. Desliguei a TV e me sentei de pernas cruzadas na cama.

Desde o início de abril, eu havia passado todos os dias orando para o que quer que estivesse lá fora. A ansiedade se instalou sobre meu estômago como uma névoa; às vezes, eu me pegava sentada na cama, olhando o para o relógio na parede, sem pensar em nada. Sempre que abaixava a guarda, sentia meu corpo inclinar até minha testa tocar o cobertor, um gemido se formando na minha garganta.

Seis de um, meia dúzia do outro. Não importava qual era minha postura, os ponteiros do relógio se recusavam a se mover.

Era a noite de 5 de abril, e as férias de primavera haviam oficialmente terminado. A partir de amanhã, eu iria para o ensino médio como uma estudante do segundo ano… o que significava que todos nós seríamos realocados em novas turmas com novas disposições de assentos. Com uma nova atribuição de classe, havia a possibilidade de que Shimamura e eu fôssemos separadas.

Para mim, isso era uma questão de vida ou morte. O que eu mais queria era ser especial para ela, e agora eu estava em perigo de perder uma das poucas conexões viáveis que tinha com ela. Era um grande retrocesso.

Afinal, de modo geral, os amigos com quem você passava mais tempo eram aqueles que já compartilhavam uma turma com você. Claro, havia exceções — como os amigos do clube ou algo assim — mas, na maior parte, essa proximidade na mesma sala era *crucial*. Não apenas no sentido físico, mas também no emocional. A distância tornava os laços mais fracos... e considerando que eu nem conseguia me dar bem com as pessoas que viviam na mesma casa que eu, claramente precisava de toda a ajuda que pudesse obter. Por isso era tão importante para mim.

Se *acabássemos* em salas de aula separadas, as chances eram boas de que Shimamura nunca se desse ao trabalho de vir me ver. Ela não me afastaria se eu fosse *vê-la*, mas não tomaria a iniciativa; ela não precisava de mim tanto assim. Não que ela realmente precisasse de *alguém*... Mas meu ponto é que eu poderia facilmente imaginar nossa amizade rapidamente se tornando unilateral. Então eu teria ainda *mais* dificuldades para descobrir o que fazer.

No dia da última reorganização de assentos, minhas orações não foram atendidas. Eu havia implorado dezenas de vezes para que me colocassem perto

de Shimamura, tudo em vão. Neste ponto, comecei a pensar que não havia valor algum na oração... No entanto, ao mesmo tempo, não conseguia pensar em mais nada que pudesse fazer. Eu não era uma deusa ou uma professora — eu era apenas humana.

Minha única opção era oferecer minhas orações até o dia do juízo.

Minhas costas começaram a doer de tanto ficar sentada ereta, então acabei me curvando para a frente. Minha testa tocou o cobertor e eu fechei os olhos. Na escuridão, tudo o que senti foi o tecido contra minha pele.

Pensei na cerimônia de entrada do ano passado.

***

No começo, eu lutava para lembrar por que tinha feito o exame de entrada para essa escola em particular — qual era meu motivo. Mas então percebi que não tinha nenhum desde o início. Com base nas minhas notas, esta era a escola recomendada para mim, então apenas fui em frente. Depois disso, estudei a ponto de me sentir razoavelmente confiante de que passaria no exame de entrada. A próxima coisa que soube foi que, um mês após me formar no ensino fundamental, eu era repentinamente uma estudante do ensino médio, assim, sem mais nem menos.

No dia da cerimônia de entrada, como me lembrava, o clima estava começando a esquentar. Uma grande multidão de novos alunos estava espremida como sardinhas no local perto da entrada principal, onde as listas de turmas estavam afixadas. Eu odiava ter que cortar a multidão, então, em vez disso, fiquei de lado e esperei até que a maioria dos alunos saísse.

Saiba que essa foi uma *longa* espera. Dada a friagem do vento soprando entre minhas pernas nuas, tive vontade de dizer “que se dane” e simplesmente ir para casa. Não havia aulas a serem assistidas, nem meu novo diretor diria algo drasticamente diferente do que meu diretor anterior tinha dito no último dia do ensino fundamental. O pensamento de ouvir outro discurso já me deixava entediada.

Mas eu não era a única evitando a situação das sardinhas. Outra garota estava a poucos passos de distância, olhando para o vazio, mantendo distância de mim e do resto da multidão. Então nossos olhares se cruzaram.

Relembrando o passado, aquela garota era Shimamura.

Claro, naquela época eu não tinha absolutamente nenhum interesse nela, então rapidamente desviei o olhar. Não queria que uma desconhecida ficasse me encarando. Mas, refletindo agora, realmente perdi uma oportunidade de ouro. Se eu tivesse prestado um pouco mais de atenção nela naquele dia, nossa

amizade poderia ter começado muito mais cedo. Mas não — em vez disso, me afastei dela, e nem fui sutil com isso. *Ugh. Meu Deus.*

Mas, na época, eu obviamente não tinha como saber como me sentiria em relação a ela no futuro, então para mim ela não era mais do que uma estranha. Quanto mais eu esperava, mais irritada me sentia… e isso era apenas o *começo* do meu dia. O pensamento já era suficiente para me fazer considerar me escorregar para a área de estacionamento de bicicletas.

Então, enquanto eu esperava em silêncio na sala de aula, nossa professora de turma chegou e pediu que nos alinhássemos no corredor em ordem alfabética pelo sobrenome. Por sorte (infelizmente), eu estava bem na frente da fila das meninas. Isso nunca havia acontecido comigo no ensino fundamental, o que era ótimo, porque eu realmente não era do tipo "líder". Infelizmente, aqui no ensino médio, não havia a Abe-san para me esconder atrás.

Enquanto eu estava lá, contra minha vontade, nossa professora passou casualmente pelas instruções. Os líderes da fila precisavam andar rapidamente, se dirigir ao restante da fila e fazer um monte de outras coisas irritantes que eu desesperadamente não queria fazer. Eu também estava cansada de ficar parada. Então, disse à professora que precisava ir ao banheiro rapidinho… mas, em vez de ir ao banheiro, saí do prédio e não olhei para trás.

Depois de me certificar de que nenhum professor estava por perto dando aos alunos uma grande excursão, fui até a área de estacionamento de bicicletas. Lá, destranquei minha bicicleta, subi e pedalei para longe. Ninguém estava lá para me parar e me incomodar. O crime perfeito.

Eu havia deixado minha mochila para trás na sala de aula, mas não havia sentido em voltar para buscá-la, já que teria que levá-la para o mesmo lugar amanhã de qualquer jeito.

O vento estava contra mim no caminho até aqui, mas agora me empurrava para uma pedalada agradável e fácil.

Eu não estava acostumada a ter pessoas dando ordens para mim, provavelmente em parte porque meus pais nunca realmente interagiram comigo. Eles mal comentaram sobre meus planos pós-formatura. Mas nossa relação fria também era parcialmente culpa minha. E, sem um relacionamento existente, era difícil sentir ressentimento… ou sentir qualquer coisa em relação a eles.

Isso não era uma rebelião adolescente contra a autoridade; eu simplesmente não sabia como lidar com isso. Era difícil demais de entender, então desisti e fuji em vez disso. Infelizmente, a apreensão persistia. Nem mesmo uma respiração profunda era suficiente para limpar os sentimentos conflitantes em meu peito.

No caminho de casa, decidi parar no parque. Não era como se houvesse algo divertido e emocionante me esperando em casa, de qualquer forma. Pensei que poderia passar o tempo até que a culpa de ter faltado à escola desaparecesse.

Na minha vizinhança, nada de relevante acontecia, então a polícia nem se dava ao trabalho de patrulhar por lá. Eu não precisava me preocupar com oficiais respirando no meu pescoço por eu estar faltando no colégio. Assim, me senti à vontade para estacionar minha bicicleta na entrada do parque. Escolhi um dos bancos mais limpos e me sentei. Dada a hora do dia, o parque estava deserto, e eu estava sozinha. Descansando as mãos no banco, estendi as pernas e olhei ao redor para o resto do parque e para a estrada ao lado.

Eu sabia que parques como aquele existiam quando eu era criança, mas não tinha nenhuma memória de ter brincado em um. Então, como exatamente passei minha infância? Eu nunca tive um desejo forte de ir a algum lugar específico ou fazer alguma atividade específica.

Em retrospecto, tinha a impressão de que tudo isso remontava à minha infância… provavelmente naquela vez em que meus pais me levaram ao zoológico. Havia uma loja de souvenirs com fileiras de bichos de pelúcia baseados nos animais do zoológico, e eu queria muito um, mas não consegui pedir aos meus pais. Eles já estavam irritados comigo; qualquer reação que esperavam de mim ao me mostrar aquelas exibições de animais, eu não consegui produzir, e eles ficaram impacientes com a caminhada. Saímos sem nenhum brinquedo… e, depois daquele dia, aprendi a guardar meus desejos para mim mesma.

Esse tipo de coisa aconteceu repetidamente até que eu esqueci como querer qualquer coisa. Foi assim que perdi o interesse no mundo ao meu redor... e agora também não tinha um senso claro de mim mesma.

Na minha visão, pessoas como eu eram melhores evitando olhar. Assim, poderíamos passar pela vida sem nunca ter que nos animar com algo mais.

Na escola, no dia seguinte, todos me trataram como uma delinquente — ou seja, me evitavam e não falavam comigo.

Mas isso me parecia perfeitamente adequado.

***

Quando acordei, consegui ouvir os passarinhos cantando do lado de fora da minha janela, e pelo canto do olho vi a luz entrando pela fresta das cortinas. Aparentemente, adormeci em algum momento... Você pode ter pensado que eu poderia ter caído no sono, mas não me lembro. Para mim, de repente eram oito

horas depois, sem nada entre esse tempo. Essa talvez seja a definição de sono não saudável.

Pior ainda, eu tinha desmaiado enquanto estava debruçada, com o rosto virado para baixo na cama, então agora meu pescoço e minhas costas doíam. Contava como "sono reparador" se eu, de alguma forma, consegui ficar na mesma posição ridícula a noite toda? Provavelmente não.

Depois de oito horas pressionando a testa contra meu cobertor, senti minha cabeça estranhamente pesada. Empurrei-me para cima, e minhas articulações rangeram. Minha mente estava toda confusa. Então meus braços falharam, e eu desmoronei de volta.

Eu estava preocupada que ficaria acordada a noite toda com insônia mais uma vez, mas evidentemente esse não foi o caso. Embora isso tenha sido parcialmente um alívio, eu também estava apavorada — sem mencionar o completo despreparo — para o dia que tinha pela frente. Não que eu pudesse ter preparado muita coisa ficando acordada a noite toda, suponho. O resultado já estava definido, e não havia nada que eu pudesse fazer para mudá-lo.

Mesmo assim, se eu soubesse com certeza que minhas orações ajudariam de alguma forma, garanto que teria aproveitado aquelas oito horas de uma maneira muito melhor.

“Escola…”

De repente, minha visão turva e mal descansada se tornou cristalina. Eu precisava me levantar e me arrumar. Aparentemente, o simples *pensamento* sobre a escola foi o que me acordou. Enquanto pulava da cama e ficava parada no centro do meu quarto, retomei de onde minha mente havia parado na noite anterior.

Olhando para o passado… Bem, o passado não muito distante, mas ainda assim… “Eu sou como uma pessoa completamente diferente agora.”

Refletindo sobre a maneira como agi há um ano, meu eu do passado parecia uma estranha. Eu tinha passado de “Ugh, não olhe para mim” para “POR FAVOR OLHE PARA MIM!”

Agora que estava ciente disso, eu meio que queria me enfiar em um buraco e morrer.

Quando eu fiz essa mudança? O que me mudou? Pensando bem, provavelmente foi a Shimamura. Conhecer a Shimamura, fazer amizade com a Shimamura. *Meu Deus, que vergonha.* Ao mesmo tempo, eu estava tocada. Mas como a *Shimamura* se sentia sobre essa minha mudança? Decepcionada? Enganada?

Toda a minha vida, eu simplesmente segui o fluxo e deixei as coisas acontecerem. Era realmente bem fácil flutuar sem nunca encontrar um obstáculo, e eu gostava mais disso do que pensava. Mas agora, depois de tropeçar em todos os desafios que encontrei, eu estava toda desajeitada — como um doce *konpeito*.

(Nota: *Konpeito* é um tipo de rebuçado, bala ou confeito japonês de origem portuguesa.)

Seria essa a metáfora certa para meu encontro fatídico com a Shimamura? Doces?

“Hmmm…”

Qual era o verdadeiro eu: o eu antigo ou o eu novo?

*Não, isso é idiota.* Obviamente, ambos eram o verdadeiro eu.

O “eu verdadeiro” era a pessoa que vive e respira neste exato momento. Uma vez, essa pessoa tinha sido o eu antigo. Portanto, eu não ia negar as mudanças que meu eu do passado fez.

Afinal, eu gostava bastante do eu novo.

***

Em contraste com o clima ensolarado e claro, os pedais da minha bicicleta pareciam de chumbo. Em abril, a luz do sol estava quente, mas o vento era frio e seco. Evidentemente, a primavera ainda não tinha derretido completamente.

Não andava de bicicleta desde a cerimônia de formatura do mês passado. De fato, agora que pensava nisso, não havia saído de casa durante praticamente todo o feriado de primavera, nem tinha saído com a Shimamura. Será que a veria hoje? Se sim… como eu deveria agir perto dela?

À medida que me aproximava do prédio da escola, minha ansiedade aumentava e meu estômago começou a doer. As partes de trás das minhas coxas tremiam como se estivessem eletrificadas. *Deus, estou tão nervosa.* Isso era mil vezes pior do que a cerimônia de entrada do ano passado.

Minhas mãos estavam tão suadas que começaram a escorregar do guidão. Era realmente algo tão importante? Minha resposta: sim. Para mim, isso era um momento crítico.

“Ugh…”

Infelizmente, essa resposta não resolveu a agitação no meu estômago. Passei a primeira parte da viagem aterrorizada por ir para a escola, mas na segunda parte, estava morrendo de vontade de chegar logo. Acontece que eu não era do tipo paciente.

Assim que minhas palmas se aproximaram do território das Cataratas do Niágara, finalmente cheguei aos portões da frente. Assim como no ano passado, um professor estava posicionado nas proximidades para direcionar os novos alunos à área de estacionamento de bicicletas; passei por eles e desci da minha bicicleta, como havia feito o ano todo. Desta vez, havia muito mais bicicletas no suporte, e tive um trabalho danado para encontrar um lugar para a minha.

Assim que terminei de travar minha bicicleta, percebi de repente que havia estacionado na seção dos primeiros anos. Hoje, no entanto, eu era oficialmente uma segundanista. Por um momento, considerei passar pelo trabalho de mover minha bicicleta para o lugar certo, mas, no final, decidi fingir que não havia notado. Tinha coisas mais importantes com que me preocupar.

O vento farfalhava as folhas das cerejeiras, espalhando suas pétalas por toda parte. Já vi pequenas folhas verdes brotando. Ao caminhar sob as árvores, no entanto, comecei a me sentir tonta. A cada passo, minha náusea aumentava.

À medida que avançava, apesar da minha saúde em declínio, uma cena familiar logo apareceu diante de mim. Uma multidão de alunos se reunia em torno da entrada principal do prédio da escola, assim como no ano anterior. Ao contrário do ano passado, no entanto, eu não tinha tempo para ficar parada esperando os alunos se dispersarem. Mergulhei na multidão como se fosse um rio turbulento, preparada para morrer.

Eu não estava confiante de que conseguiria realmente abrir caminho pela multidão, então, em vez disso, usei meu ombro como um aríete, empurrando em direção ao centro. Agora eu era uma das sardinhas, apertada de todos os lados. Apesar disso, tinha uma visão clara da lista de alocação das turmas.

Primeiro, procurei pelo meu nome. A lista estava em ordem alfabética, então provavelmente eu estaria perto do topo. Enquanto meus olhos iam de um lado para o outro, meu coração pulsava no ritmo de cada movimento; eu sentia como se estivesse pulsando até o meu pescoço, e minha garganta estava apertada.

No entanto, depois que meu olhar completou uma volta completa pela lista, o sangue começou a escassear do meu rosto. Meus olhos pareciam que iam cair das órbitas.

“Não está aqui?”

Meu nome não estava na lista. Nem o de Shimamura. Meus olhos se arregalaram. *O que está acontecendo?*

Depois de ficar lá, lutando contra essa realidade por um longo momento, encontrei uma explicação: esta era a lista dos *novos alunos*. Claro que Shimamura e eu não estaríamos nela.

Imediatamente me virei. Eu já estava cheia de ansiedade só de estar aqui, e esse erro foi o último prego no caixão. Finalmente, a realidade de ser uma segundanista se instalou.

Então, lá estava eu, corando no meio da multidão como uma total estranha.

Dito isso, *sair* da multidão provou ser uma tarefa hercúlea. Abaixando um pouco, evitei o contato visual o máximo possível enquanto empurrava cada pessoa. Mesmo depois de estar livre, as bordas da minha visão ainda estavam embaçadas, e eu me sentia mal.

No entanto, de alguma forma, avistei uma reunião semelhante de pessoas na outra extremidade do prédio da escola. Claramente, era para *lá* que eu deveria ir. A prova do meu raciocínio era o fato de que vi Hino e Nagafuji caminhando lado a lado, afastando-se da multidão. Eu podia ouvi-las conversando, animadas.

“Estou presa com você *de novo*? Quantos anos seguidos isso faz?”

“Dez, eu acho?”

Evidentemente, elas foram designadas para a mesma turma. *Sorte a delas*, pensei, assistindo-as com inveja enquanto desapareciam na escola. Agora era hora do meu próximo desafio: mergulhar novamente na multidão.

*Ah, entendi. Os segundos anos são todos muito mais altos*, refleti, enquanto me sentia praticamente enterrada em comparação. Desta vez, teria que lutar para chegar à frente se quisesse ver algo. Além disso, as pessoas na frente estavam empurrando na direção oposta para sair da multidão, o que não ajudava em nada. Eu nadei através do mar de pessoas, recebendo uma ocasional cotovelada nas costelas por causa disso.

Hoje eu não estava seguindo o fluxo — estava abrindo caminho por conta própria.

Desta vez, quando examinei o pedaço de papel preso na parede, consegui localizar meu nome. Assim como esperava, estava quase no topo e bastante conspícuo. Então meus olhos desceram pela lista. Este era o teste final que faria ou quebraria meu dia inteiro.

Senti minha visão ficar turva de medo, mas me recuperei e me forcei a olhar. Meus olhos desceram... desceram... desceram. O ruído da multidão desapareceu enquanto meu coração batia cada vez mais alto, reverberando nos meus

ouvidos. Eu podia sentir meu sangue bombeando grossamente em minhas veias. Meus nervos estavam em um nível máximo, e minha visão estava embaçada.

Que fique claro que eu estava longe de ser perfeita. Não me via como alguém que passou a vida trabalhando duro e, portanto, merecia o que queria. Eu poderia rezar o dia todo, mas se essas orações fossem ignoradas, a culpa seria apenas minha. No entanto, meus olhos se recusavam a desistir — continuavam a procurar. Buscando pela verdade escrita bem diante deles.

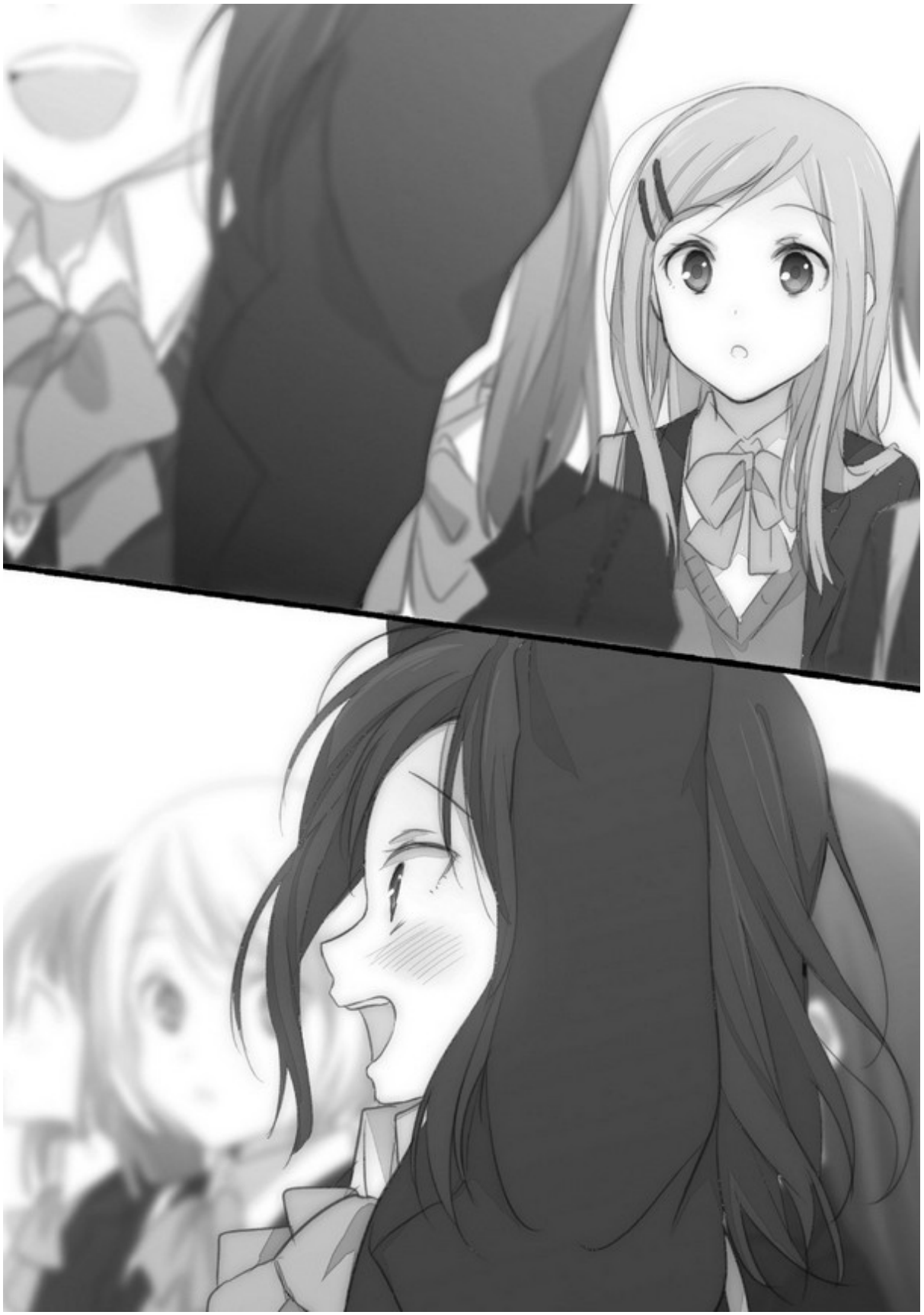
Este mundo tinha um Deus? Havia alguém ouvindo? Eu me endireitei e rezei desesperadamente para encontrar aquele nome.

***

*Eu sempre me atraso nas segundas-feiras, não é?* pensei enquanto passava pelos portões da escola... embora, admito, não me sentisse verdadeiramente culpada por isso.

Caminhei em direção ao distante burburinho, apenas para me segurar no último minuto antes de olhar para a lista de turmas dos primeiros anos por engano. *Ops*. Avistei o grupo dos segundos anos e fui em direção a eles.

“Oh...?”

Parei imediatamente ao me deparar com uma visão peculiar.

Era Adachi, saltando no ar com os braços levantados em triunfo, com pétalas de sakura caindo ao seu redor.